



www.delfimsantos.org

Aproximação ao pensamento filosófico de Delfim Santos

António Braz Teixeira (1966)

Lisboa: *Espiral* 13, 1966, 57-61.

Agora que o selo definitivo e álgido da morte pôs bruscamente termo à obra de Delfim Santos — cumprindo-se assim nele aquela como que fatalidade que leva os nossos mais dotados e significativos homens de pensamento a deixar tácito ou apenas sugerido o mais fundo de tudo quanto pensaram ou intuíram — a filosofia que, ao longo de três décadas, em livros, revistas e conferências foi exprimindo e comunicando, avulta de súbito diante de nós a exigir a interpretação e valorização que em vida lhe foram negadas.

Marcado por irrecusável vocação metafísica, apetrechado com uma preparação científica invulgar e uma informação filosófica única nós (como expressivamente o documentam os seus estudos sobre S. Tomás, Giordano Bruno, Descartes, Pascal, Suarez, Silvestre Pinheiro Ferreira, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e Heidegger), Delfim Santos, vítima de um ambiente universitário dominado pela mediocridade, pela mesquinhez e pela inveja, depois de ser forçado a trocar temporariamente o aprofundamento e a meditação da problemática a que dedicava maior interesse pelo estudo do positivismo lógico,¹ foi mais tarde impedido de exercer o magistério da filosofia para ser exilado no ensino das ciências pedagógicas. Talvez por isso, para muitos, o seu ser primordial de filósofo — e dos mais autênticos deste nosso tempo português — tivesse ficado esquecido ou oculto.

Ao abordar o pensamento de Delfim Santos com intuítos interpretativos, parece ser de capital importância atender de modo muito especial à sua relação com Leonardo Coimbra, cujo significado ele próprio salientou ao afirmar: «*Conhecemos*

¹ - Vincando bem o desvio forçado que, na linha da sua indagação filosófica, representava o estudo dos pensadores do Círculo de Vieira e do Grupo de Cambridge, escrevia Delfim Santos, no final da introdução à *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, não ser talvez difícil notar que esse livro era a propedêutica a qualquer coisa que ultrapassava o interesse pelo positivismo.



www.delfimsantos.org

Leonardo Coimbra nesta cidade do Porto, seguimos os seus cursos na Faculdade de Letras desta Universidade, no seu convívio forjámos uma vocação e um destino».²

A consideração deste aspeto permitirá notar com mediana clareza que o pensamento do malgrado professor da Faculdade de Letras de Lisboa é muito menos tributário da moderna filosofia alemã do que geralmente se julga, pois é no contacto com o magistério de Leonardo Coimbra que se define a *forma* e se afirmam os principais tópicos da sua orientação especulativa.

Tudo o que de mais sério e autêntico o seu pensamento procurará alcançar e desvendar, a perspetiva de que enfrenta o real, se por um lado, no seu pluralismo radical e na *dialética totalista* – em que desde a primeira hora se traduz, trazem a marca da lição do filósofo de *O Criacionismo*, por outro definem já um pensamento que, sem qualquer desvio essencial, o encontro posterior com N. Hartmann e Heidegger ajudará a aprofundar na continuidade do seu próprio caminho.

Na verdade o pensamento filosófico de Delfim Santos, na sua dupla e complementar solicitação ontológica e antropológica, caracteriza-se por uma profunda coerência interna, uma intrínseca harmonia, um permanente regresso à meditação aprofundante de temas e teses que nele emergem desde o primeiro momento e depois se afirmam como constantes.

É, desde logo, o próprio conceito de filosofia que no seu pensamento surge sempre como aporética e hermenêutica, esforço de autognose e busca dos fundamentos últimos do saber. Por isso a sua repetida afirmação do carácter radicalmente não solucionante e não explicativo da filosofia e, logo, da impossibilidade de nela haver progresso, bem como a conseqüente negação de uma filosofia perene, pois perene é não a filosofia, mas o próprio filosofar. A filosofia é visão descritiva das aporias e ciência das categorias ou dos princípios próprios a cada setor da realidade.

Sendo fundamentalmente aporética, a filosofia não poderá nunca ser solucionante, pois as contradições em que as aporias se traduzem, por serem contradições entre o pensamento e a existência e não contradições lógicas, não são suscetíveis de solução. Dai a radical ambiguidade da filosofia e da metafísica³ que, por não serem mero pensamento mas esforço de correlação entre o pensamento e a existência, se configuram como atividade de síntese de opostos.

Mas se a filosofia é busca dos fundamentos últimos do saber, o mesmo saber não tem nela primado. «*Antes do saber temos a palavra. É a palavra que nos possibilita o*

² - *Atualidade e valor do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, 1956.

³ - Distinguindo, numa primeira fase, filosofia e metafísica e considerando esta como fenomenologia do espírito (*Da Filosofia*, Porto, 1939), Delfim Santos vem posteriormente a identificá-las (*Filosofia como ontologia fundamental*, Braga, 1955).



www.delfimsantos.org

saber [...] E o problema da palavra, como órgão revelador do sentido das coisas, é anterior ao problema de saber o que são as coisas. Filosofia é, portanto, filologia»⁴ palavra e pensamento implicam-se mutuamente, são um e o mesmo: logos.

Ambígua como a metafísica é a noção de ser, cerne de toda a filosofia — que, em sua radicalidade, como atividade de fundamentação, é ontologia fundamental — pois ambígua é inevitavelmente toda a noção na medida em que é ponto de encontro entre a via ôntica e a via lógica.

Todo o interesse da filosofia se dirige, assim, não já para os fenómenos como acontece com a ciência, mas para o próprio ser enquanto ser: é, por isso, sempre mais ontologia do que fenomenologia. Mas o ser de que se ocupa, embora uno, é multívoco e plural, é o domínio inesgotável do diverso e não o reino limitado do idêntico e do mesmo.

Daqui parte e aqui regressa, não uma mas repetidas vezes, todo o pensamento do filósofo, desde a indagação ontognosiológica à antropologia, com seu fundo sentido do concreto e do diverso e sua índole acentuadamente propedêutica.

Na verdade, se a filosofia é interrogação permanente que visa a fundamentação do saber, se aporética é a sua natureza, condição primeira do pensamento com sentido filosófico é a eliminação das falsas aporias, como sejam todas as que resultem de puras contradições lógicas, de uma inadequada formulação dos problemas, da identificação do diverso ou da divisão do uno.

Aqui radica porventura a intenção propedêutica que toda a sua obra denuncia e o esforço que o filósofo vai desenvolver no sentido da discriminação nocional e conceitual, bem expresso até nos títulos de alguns dos seus escritos mais significativos.⁵

Fiel aos mesmos pressupostos, a sua filosofia manter-se-á exigente de uma ontologia pluralista e de uma teoria do conhecimento cujo escopo essencial será a determinação dos princípios mais adequados a cada região da realidade, pois contrariamente ao que um universalismo apressado e sem garantias tem feito crer, o pensamento não tem forma única, é sempre modal e categorial.

Assim, a cada uma das quatro regiões da realidade — matéria, vida, consciência, espírito — corresponde um princípio de conhecimento próprio — causalidade, finalidade, intencionalidade, liberdade — dependendo a verdade da ciência ou a

⁴ - *Atualidade de Giordano Bruno*, Lisboa, 1949. Cf. *Heidegger e Hölderlin*, Porto, 1938 e *Adolfo Coelho como pedagogo*, Lisboa, 1947.

⁵ - *Conhecimento e Realidade*, Lisboa, 1940; *Sistema e Método*, Porto, 1940; *Substância e Existência*, Lisboa, 1943; *Cultura e História*, Lisboa, 1943; *Psicologia e Caraterologia*, Lisboa, 1943; *Direito, Justiça e Liberdade*, Lisboa, 1949; *Filosofia e Ciência*, Lisboa, 1952; *Filosofia e Filomítia*, *Colóquio* 15, Lisboa, 1961.



www.delfimsantos.org

verdade de cada ciência do seu grau de adequação à região da realidade que pretende abordar.

O problema do conhecimento, problema intermédio entre o da realidade e o da verdade, vem a traduzir-se na indagação dos princípios próprios de cada setor do real, do mesmo modo que a verdade da ciência ou verdade ontológica estará, não na generalização e na identificação ou subsunção do desconhecido no já conhecido, mas na mais perfeita adequação dos princípios gnosiológicos aos princípios do ser.

As incursões de Delfim Santos no campo epistemológico, nomeadamente no domínio de ciências humanas como a psicologia, a pedagogia ou o direito, terão precisamente como fim pôr em relevo a extensão abusiva de categorias próprias de outras regiões do ser real ou do ser ideal de que têm sido vítimas e procurar determinar os princípios mais adequados para o conhecimento da zona do ser em que se inscrevem.

Relação entre diversos – o pensamento e a realidade – o conhecimento processa-se em duas instâncias, o universal e o individual,⁶ em busca do termo médio entre ambos. O conhecimento e a ciência não são pois o domínio do universal, como uma errada interpretação do pensamento aristotélico inculcou, mas sim do genérico. Só o universo é universal, tudo o mais são casos de maior ou menor generalidade, atributo que, de pleno, só à esfera do ser ideal pertence.

À conceção modal e categorial do pensamento e do conhecimento vem também advertir a razão metodológica contra a tendência de extrapolar os seus princípios de umas regiões do ser para as outras e determinar as fronteiras da validade cognoscitiva da experiência da reflexão e da intuição, fatores do conhecimento adequados apenas a determinadas zonas do ser real, do ser ideal ou do mundo axiológico.

Se no plano do pensamento e da realidade a determinação das categorias adequadas a cada região e a localização ôntica de cada ser é condição para o seu conhecimento e meditação, pelo que ao homem respeita é de igual modo só a partir da noção análoga de situação que o seu conhecimento é possível.

Também no plano antropológico a exigência do concreto e do singular é radical em Delfim Santos. Contra as pretensões substancialistas ou cousificantes de uma antropologia que se detém na resposta à pergunta o *que* é o homem e na

⁶ - A circunstância de o conhecimento do ser ideal (lógico e matemático) se processar apenas a uma instância, a do universal, e de este tipo de conhecimento ter sido abusivamente arvorado em arquétipo do conhecimento científico, conduziu ao equívoco de atribuir a todo o conhecimento uma universalidade que ele não possui e a confundir *exatidão*, propriedade específica da matemática, com *rigor*, que é simples adequação e a ver na quantificação do conhecimento o sinal do seu caráter científico.



www.delfimsantos.org

enumeração dos elementos da sua composição quaternária, o pensamento do filósofo português, de cunho marcadamente existencial, pretende ir mais além e dirigir a sua indagação no sentido de saber *quem é esse animal metafísico* a que chamamos homem.

Substituindo à noção tradicional de substância, adequada apenas à região da matéria, a noção de existência, atributo específico do homem, a antropologia torna-se ciência do singular e concreto de cada homem.

O homem é existência e estar-no-mundo. Estar-no-mundo é estar em correlação com as coisas, com os outros e consigo próprio. Defrontando as coisas e os outros, o homem procura transformar as primeiras em utensílios e os outros em colaboradores na construção do seu próprio mundo, na realização do seu pessoal projeto de ser homem.

Ser livre, em construção permanente e incessante da sua própria existência, possibilidade de ser que nunca chega a ser plenamente, o homem está sempre à beira do fracasso, da inautenticidade, de se deixar absorver pelas coisas ou pelos outros, de se reificar ou alterar.

Aqui surge a angústia como própria existência do homem, como agente de libertação e fator da conquista do seu ser pessoal e único. Assim, a liberdade aparece como o fundamento da existência, como o que o homem atinge por meio do ato de libertação. Ser do tempo que a morte encerra, o homem está constantemente posto perante a opção radical entre a existência autêntica e a inautêntica, na ambiguidade vive a sua vida equilibrando-se na oscilação, construindo o seu ser nessa mesma opção radical, bordejando o abismo do fracasso, procurando o nada que dá sentido à vida.

Na existência, porém, nem tudo depende do homem: há também algo de que o homem depende. Mas a transcendência, divina ou cósmica, oculta-se ao homem e à sua razão, pois como Delfim Santos adverte, só a ideia de Deus pode ser afirmada ou negada, não a sua existência. Transcendência radical para o homem é assim, apenas, a sua subjetividade.

António B. Teixeira

BIBLIOGRAFIA

Além das obras já referidas, os mais notáveis trabalhos filosóficos de Delfim Santos são os seguintes:

- Dialética totalista, *Presença*, Coimbra, 1933.
- *Das regiões da Realidade*, Porto, 1938.
- O valor da ironia, Lisboa, 1943.



www.delfimsantos.org

- Da ignorância, Lisboa, 1943.
- Meditação sobre a Cultura, Lisboa, 1946.
- *Fundamentação existencial da Pedagogia*, Lisboa, 1946.
- Psicologia e Direito, Lisboa 1948.
- Temática existencial, Lisboa, 1949.
- Da ambiguidade na metafísica, Buenos Aires, 1949.
- Sentido existencial da angústia, Lisboa, 1952.
- Fundamentação da Filosofia, São Paulo, 1956.⁷

⁷ - [nota do Arquivo Delfim Santos: este último título é na verdade de 1954].